

DA PESSOA, SUA ESTRUTURA E RELAÇÃO SEGUNDO ROMANO GUARDINI

Saulo Fernandes Brito

Mestrando em História da Filosofia pela Universidade de Brasília, ali também licenciado em Filosofia.
Pós-graduando em Psicopedagogia e Psicanálise junto ao Centro de Desenvolvimento Humano e
Pesquisa de Brasília. E-mail: saulo.brito7@gmail.com

Resumo: O presente trabalho busca apresentar a análise de Romano Guardini sobre a forma de pensar a Pessoa, indicando a sua estrutura fundamental – com todas as nuances que o autor destaca – e o modo da sua expressão particular, a saber, na relação com o tu, que é algo diferente do eu, porém dotado de semelhante qualificação. A imagem que Guardini produz sobre a pessoa que existe em si, dotada de ilimitada dignidade, reivindica a participação do outro, estabelecendo uma relação dialógica, no qual se insere novamente o debate acerca da condição pessoal em sua existência, isto é, em que momento a pessoa se torna pessoa. Pretendemos assim demonstrar que a pessoa é, por si mesma, independente, porém não se desenvolve de modo semelhante; Sendo assim, pretendemos expor também as condições necessárias para que a pessoa aja em uma autêntica relação.

Palavras-chave: Romano Guardini; Pessoa; Ontológico; Eu-Tu; Relação; Encontro.

Abstract: The present paper tries to show Romano Guardini's analysis about the way to think the person, pointing its fundamental structure – with the whole perspectives contrasted by the author – and the mode of its particular expression, namely, in relation with the Thou, who is different of the I, but gifted with similar qualification. Guardini's image about the person who exist in itself, gifted with unlimited dignity, claims the participation of the other, establishing a dialogical relation, which inserts the discussion about the personal condition on its existence, i.e., at the moment the person becomes a itself. We intend to show that the person is, by itself, independent, but doesn't develops in the same way; that being said, we intend to expose the necessary conditions so that the person can have an authentic relation.

Keywords: Romano Guardini; Person; Ontological; I-Thou; Relation; Meet.

Resumen: El presente trabajo pretende presentar el análisis de Romano Guardini sobre cómo pensar acerca de La persona, indicando a su estructura fundamental - con todos los matices que el autor pone de relieve – y la forma de su expresión particular, es decir, en relación con el tú, que es algo diferente del yo, aunque dotado con calificaciones similares. La imagen que Guardini produce sobre la persona que existe en sí, dotado de dignidad ilimitada, reclama la participación del otro, estableciendo una relación dialógica, en el que nuevamente se inserta el debate sobre la condición personal en tu existencia, es decir, donde ahora la persona se convierte en una persona. Queremos, como este demuestran, que la persona es, por sí mismo, independiente, pero no se desarrolla de manera similar; Por lo tanto, tenemos la intención de exponer también las condiciones necesarias para que la persona actúa en una relación real.

Palabras clave: Romano Guardini; Persona; Ontológico; Yo-Tu; Relación; Encuentro.

Sommario: Il presente lavoro cerca di appresentare le analisi di Romano Guardini su la forma di pensare la Persona, indicando la sua struttura fondamentale, con tutti i tratti che l'autore distacca – e il modo della sua espressione particolare, a sapere, nella relazione con il tu, che è qualcosa diverso del io, però dotato di somiglianza qualificazione. L'immagine che Guardini produce su la persona che esiste in sé, dotata di illimitata dignità, richiede la partecipazione dell'altro, per stabilire così una relazione dialogale, nel quale si inserisce nuovamente il dibattito circa la condizione personale nella sua esistenza, cioè, en che momento la persona si torna persona. Pretendiamo così dimostrare che la persona è, di per sé, indipendente, però, non si sviluppa di modo somigliante; essendo così, pretendiamo esporre anche le condizioni necessarie, perché la persona agisca in una autentica relazione.

Parole chiave: Romano Guardini; Persona; Ontologica; Io-Tu; Relazione; Incontro.

Résumé: Le présent article vise à présenter l'analyse de Romano Guardini sur la façon de penser la Personne, en indiquant sa structure fondamentale – avec toutes les nuances que l'auteur souligne – et la manière de son expression particulière, c'est-à-dire, le rapport avec le Tu comme quelque chose d'autre que le Je, cependant doté d'une qualification similaire. L'image que Guardini produit de la personne qui existe en soi, dotée d'une dignité illimitée, revendique la participation de l'autre, établissant

un rapport dialogique, dans lequel le débat sur la condition personnelle dans son existence, c'est-à-dire, à quel moment la personne devient une personne. Ainsi nous voulons démontrer que la personne est, en soi-même, indépendante, mais il ne se développe pas de la même manière; Par conséquent, nous avons l'intention d'exposer également les conditions nécessaires pour que la personne agisse dans une relation authentique.

Mots-clés: Romano Guardini; Personne; Ontologique; Je-Tu; Rapport; Rendez-vous.

1. A SUBSTÂNCIA (SUA ESTRUTURA) PESSOAL

1.1 A FORMA (GESTALT) CONSTITUTIVA

Dentro do pensamento de Romano Guardini é importante ressaltar que os aspectos que constituem o homem são os que o realizam, isso é, o manifesta em sua integralidade. Essa posição se opõe de modo direto aos reducionistas, visto que, segundo pensa Guardini, essas formulações apenas criam dificuldades e impasses.

Para uma compreensão completa, é preciso analisar de que modo a Pessoa se constitui. Para Guardini, há uma estrutura do "ser pessoa": ele compreende que esta, apesar de possuir "camadas", está intrinsecamente ligada, ou seja, é um conjunto ordenado no qual uma camada não pode subsistir sem a outra. "[Foram isolados] diversos extratos para podermos caracterizá-los mais claramente; na realidade estão intimamente relacionados" (GUARDINI, 1963, p. 161)¹.

Sendo assim, prosseguiremos de modo semelhante à perspectiva de Guardini para melhor compreensão dos "níveis" que são considerados. Isso se dará uma vez que o nosso autor pensa em forma de camadas, que nos conduzirá do modo mais baixo ao mais elevado, por se tratar este último do sentido que dá ao conjunto.

¹ É necessário ainda complementar que a realização do ser pessoa se dá mediante à maneira absoluta com que dispõe de todas essas características, não sendo possível desenvolver apenas uma das qualidades constituintes da pessoa, isso o descaracterizaria. "A estrutura e a plenitude da existência humana apenas são realizadas na medida em que a pessoa como tal claramente se manifesta" (GUARDINI, 1963, p. 161).

O primeiro aspecto que Guardini defende é a pessoa enquanto forma, ou seja, constituída de todas as qualidades que possui. Se o homem está revestido de forma, está informado, há elementos que o constituem não de modo desordenado; mas, exatamente por ser constituinte, adquire uma relação estrutural, como um sistema que não pode descaracterizar os seus elementos porque estaria desfazendo o seu ser.

Os elementos que a constituem (matérias, forças, qualidades, atos, processos, relações) não se justapõem caoticamente, que do mesmo modo, não são lançados exteriormente para formas, mas que, numa relação funcional e estrutural, entram num sistema – de tal maneira que cada elemento só existe e pode ser compreendido pelo todo, tal como o todo só existe e pode ser compreendido a partir dos seus elementos (GUARDINI, 1963, p. 138).

A expressão da “forma” são todos os fenômenos que podemos designar demonstrando e apresentando. O existente se exprime através destes atributos e subsiste como uma individualidade e unidade. Conforme pensa Guardini, essa conjectura é então expressão de uma individualidade – característica que se segue desta camada –, “a minha forma me distingue dos demais particulares”.

1.2 A INDIVIDUALIDADE

A individualidade pode ser expressa em dois sentidos, a saber: como uma estrutura e uma funcionalidade. A primeira se refere aos elementos a partir de suas composições e relações, e a segunda ao modo como se procede, seu ato. A individualidade “tem necessidade do mundo, dos seus materiais e energias”, pois somente deste modo posso me pensar como algo distinto do mundo, mas não só: é preciso que minha individualidade possa estabelecer os modos como esta relação se dá, “marca também os seus limites” (GUARDINI, 1963, p. 139).

Essa individualização é um parâmetro para criar uma forma do mundo em sua singularidade. O indivíduo pensa o modo como é atingido por esse mundo recebendo seus conteúdos, que o auxiliam na identificação de sua própria singularidade e o distingue dessas impressões exteriores. Pode, assim, estabelecer o modo como o mundo é, ou seja, cria um “mundo próprio”. Segundo pensa Guardini, esse mundo é tudo aquilo que está em volta e que constitui a totalidade de vivências que são manifestas ao indivíduo. Não estou aqui me referindo a uma paralaxe cognitiva, como se a referência do sujeito fosse distinta da sua apreensão sensível, mas muito pelo contrário: as experiências é que criam uma relação com o objeto – *adaequatio rei et intellectus*.

Dentro dessa relação que é estabelecida entre o sujeito e o mundo, é importante destacar que o mundo que está situado em volta do sujeito é um mundo total, que constitui os modos e possibilidades de vivências do mundo em torno do sujeito. Essa relação é entendida como um aspecto dotado de sentido e significação, e, através de uma iniciativa vital, ou seja, a afirmação da individualidade no mundo, é que se torna possível construir um mundo próprio.

O centro deste mundo particular é constituído pela iniciativa vital, pela qual o ser vivo se afirma no seio do mundo total. Este último desempenha o papel de um pano de fundo que, em todas as direções, se estende para o indeterminado em torno do mundo próprio (GUARDINI, 1963, p. 140)².

A individualidade nesse sentido adquire valoração, pois sabemos que temos uma relação com o mundo. Assim, quanto mais a individualidade é presa em si, um mundo próprio fechado, tanto mais frágil é o seu ser: “A individualidade é um valor; quanto mais se desenvolve, mais frágil surge a sua consistência” (GUARDINI, 1963, p. 141).

² O lugar de orientação do homem se encontra nesse mundo próprio em que ele é estabelecido, e a indeterminação – aquilo que não sou eu – é que estabelece a minha identidade, me diferenciando do mundo total.

O que constitui o centro da individualidade é o seu interior, “a partir dele se diferencia do mundo e lhe contrapõe o mundo próprio que constrói” (GUARDINI, 1963, p. 143). Esse centro é caracterizado pela consciência, a minha interioridade vivente me coloca em referência com o mundo exterior. “A passagem da interioridade – escreve Guardini – do vivente ao mundo exterior que lhe está ordenado realiza-se pela atividade dos sentidos e pela motricidade espontânea” (GUARDINI, 1963, p. 141).

Entretanto, aquilo que se apresenta à sensação são sempre elementos que, apesar de me afetarem, é necessário que eu ultrapasse o limite da minha própria interioridade. Para ir ao encontro deste, preciso passar do interior para o mundo; como a fome, que somente será saciada na medida em que saio de mim e vou ao encontro do alimento, e transponho a minha interioridade ao mundo exterior.

1.3 A PERSONALIDADE

Três são as características próprias da personalidade, a saber: a consciência de si, o querer e finalmente a da ação e criação. A individualidade agora é expressa através dessas perspectivas. Guardini define a personalidade como: “a forma da individualidade viva enquanto determinada pelo espírito”, isto quer dizer que esta é expressão – do próprio espírito – que traz propriamente a consciência do todo existente.

Graças ao espírito, tem consciência de si como dos demais [...] [a] experiência originária que permite espírito concreto, existindo em si como tal e contrapondo-se ao mundo, sentir em cada ponto da existência a sua totalidade. Mediante esta experiência, a personalidade pode igualmente encontrar a existência – pode, sobretudo, encontrar verdadeiramente o existente, em vez de simplesmente com ele se defrontar. [...] encontrar-se a si mesma, em lugar de ser e de viver apenas o que é (GUARDINI, 1963, p. 151-152).

O principal aspecto para compreensão da consciência de si é a expressão da verdade, tudo o que se refere à ação do homem – suas percepções e atos – são direcionados ao indivíduo que “reconhece” o mundo, apreende-o e reconstrói o mundo a partir da verdade apreendida pelo intelecto. “A consciência em sentido próprio só existe quando o fenômeno da percepção e a série de atos cuja base aquela constitui são determinados pelo valor da verdade” (GUARDINI, 1963, p. 144-145).

O homem dá sentido à própria existência, o mundo que se apresenta somente procede assim na medida em que a apreensão é recriada espiritualmente. E “na vida determinada pelo espírito, trata-se da apreensão do sentido em si mesmo” (GUARDINI, 1963, p. 144). Mesmo que os animais possuam apreensão através dos sentidos, esses não conseguem estabelecer um sentido em si. O homem vive de espírito, não é apenas espiritual, ele estabelece os limites do mundo e o desenvolvimento da sua atividade é proposta como responsabilidade.

A partir da consciência de si podemos entender a relação que é estabelecida através do querer, pois esta, segundo Guardini, se baseia em uma relação de si com uma orientação através da valoração do objeto, ou em sentido análogo quando é necessário estabelecer uma ação que se impõem por uma situação. “Mister é que o sujeito apreenda este valor objetivo, isto é, fundado em si mesmo [...] o valor do dever, isto é, da obrigação moral tal como ela se apresenta concretamente em cada caso” (GUARDINI, 1963, p. 145-146). O homem se sente no dever de cumprir certas obrigações, mesmo as ações que não são morais são buscadas como um fim em si mesmas, não há quem busque se direcionar a algo sem que com essa pense adquirir um bem em si, até mesmo os atos mais atrozés são buscados como um fim em si, aquele que, por exemplo, busca tirar a própria vida, certamente está passando por dificuldades e pensa que um modo de se livrar-se delas é fugindo da existência, é a busca por um bem, ainda que esteja equivocado.

Por fim, a estrutura da personalidade é consolidada com o fator de ação e criação do homem. O homem ao criar estabelece não algo apenas natural, como se fosse simplesmente algo meramente orgânico, mas pelo contrário, “desde o seu primeiro momento, contém em si a possibilidade de se cindir da natureza (dito de outra maneira, porque é determinado pelo espírito), que pode abalçar-se a uma empresa tão trágica e tão paradoxal – e ao mesmo tempo tão grandiosa” (GUARDINI, 1963, p. 150)³.

A obra humana tem procedência no espírito, assim toda a sua manifestação está voltada para um sentido próprio e não, como dissemos acima, em uma natureza pré-definida. “A obra humana provém do espírito, das suas tensões e dos seus riscos; mas por isso mesmo, no plano da natureza, é a menos garantida. A sua garantia é espiritual; reside no sentido, não no ser imediato” (GUARDINI, 1963, p. 148).

Começa-se a se delinear aqui uma estrutura ontológica da pessoa, entendendo que esta está de modo particular no espírito. Podemos também perceber um caminho contrário àqueles que insistem em negar uma substancialidade para o homem, porém, como Guardini deixa claro, o espírito é o que torna possível até mesmo negar essa substancialidade. Utilizam-se daquilo que negam.

1.4 SENTIDO PRÓPRIO DO SER PESSOA

Todas as camadas anteriores nos serviram de base para compreendermos o que podemos classificar como pessoa em sentido próprio, não querendo, contudo, delimitá-los, elas nos deram a condição para compreender “o que é?”, entretanto o centro de tudo está na questão, “quem é?”, que segundo Guardini se apresenta como o “Eu”.

³ É interessante notar como o homem cria as suas armas e que delas decorrem realidades tão diferentes, em certo sentido elas têm a propriedade de defesa do homem, mas quando se volta contra homem – como no caso da guerra – ela se torna uma ameaça, percebe-se que o homem possui realmente mecanismos que não são meramente comuns, mas são capazes de fazer nascer um “mundo novo”, como afirma Guardini.

É importante ressaltar que todas as propriedades que foram elencadas não conseguem alcançar o que significa a pessoa, isso é, suas estruturas constituintes não apresentam a pessoa em si, mas por que a pessoa é em si é que podemos dizer que ela possui essas qualidades, o homem está instalado nessas realidades.

A questão: "o que é a tua pessoa?", não posso responder: "É o meu corpo, a minha alma, a minha inteligência, a minha vontade, a minha liberdade, o meu espírito". Nada disto é ainda a pessoa, mas, por assim dizer, o material que a compõe; a pessoa radica no fato de este material existe na forma de uma pertença a si próprio. [...] A realidade completa do homem [...] pertence ao domínio da pessoa, é assumida por ela e encontra-se determinada pela sua dignidade (GUARDINI, 1963, p. 160-161).

Por ser único em mim mesmo, ou seja, porque subsisto em mim, é que posso dizer que me possuo e posso percebê-lo exatamente por estas formas constituintes, sou uma unidade em mim mesmo, em minha pessoa, o que me qualifica como existindo em mim mesmo.

Agora podemos compreender de modo adequado a definição de Guardini para a pessoa: "Pessoa significa que não posso ser habitado por outro, e que, na relação comigo próprio me encontro só comigo; que não posso ser representado por nenhum outro, e que sou único" (GUARDINI, 1963, p. 152-153, grifo nosso). O que decorre logicamente desta definição é que, de modo indelével, há uma incomunicabilidade. O "Eu" assume um fim em si, vivo por circunstâncias próprias, isso é, ninguém poderá viver a minha vida por mim. Ainda que minha intimidade seja violada, há um fato concreto de não poder ser atentado em meu interior (meu espírito), ainda assim a constituição única da minha pessoa não pode ser desfeita.

Para compreender de modo mais manifesto essa questão que Guardini formula – o que chamei de argumento da indissolubilidade do ser pessoa –, é importante ressaltar que o ser pessoa não suporta um modo unívoco.

A modernidade dissolveu a pessoa em uma participação absoluta, contrariando a particularidade do indivíduo. Porém, o que posso com segurança conhecer é a mim mesmo, que sou singular. Não admitir isso em si é que caracteriza a dissolução ontológica da pessoa. É interessante o modo como Guardini põe a questão em evidência. Ele nos convida a admitirmos um outro “eu” que está fora de mim, essa experiência interior cria um horror existencial: “[...] a possibilidade de deixar de estar unificado comigo próprio, de deixar de constituir um ser único, mas vários; deixaria de conhecer a mim próprio como singularidade, aparecendo-me [a mim] realmente alheio” (GUARDINI, 1963, p. 154).

O que conduz a pessoa, como vimos, é o espírito, e esta possui qualidades próprias que não podem ser desligadas de seu sentido, isso é, estão submetidas à integralidade da pessoa. O espírito é o que garante a vida de maneira decisiva e que, segundo Guardini, estabelece as normas de valor: a verdade e o bem. O espírito, conforme Guardini (1963, p. 156): deve possuir como seu ato a verdade, o bem e por fim Deus. O valor afixado é dado imediatamente na realidade criada ou na própria consciência, nesse sentido ele é confiado ao espírito.

A verdade quando renunciada é que cria uma falta de orientação, pois como vimos o homem dá sentido e significação às coisas. Assim quando o eixo norteador da verdade se perde, toda a concretude da pessoa se desvanece. “O núcleo da pessoa deve experimentar uma consolidação que, partindo da consciência da verdade seja capaz, em cada caso, de estabelecer uma posição, que seja mais forte que as regras e a propaganda” (GUARDINI, 1965, p. 45)⁴.

Essa verdade é que torna o homem, pessoa, no sentido mais estrito que até agora estabelecemos aqui.

[a busca pela verdade] é uma postura interior que o homem assume de modo a poder ver e se posicionar de forma mais verdadeira. Trata-se de buscar a si mesmo,

⁴ Uma consideração da verdade em si, não algo que é imposto ou simplesmente confirmado pelo senso comum.

a própria vida de modo conjunto, colocando entre parênteses opiniões, posicionamentos ou problemas cotidianos para buscar olhar-se, considerar a pessoa em sua totalidade (BRANDÃO, 2006, p. 155).

Guardini assume que as principais normas que garantem a pessoa são a justiça e o amor, e, do mesmo modo como a verdade, quando as renuncia, a pessoa perde o eixo fundamental da existência, uma vez que estas são centrais do ponto de vista da totalidade. Justiça “consiste em reconhecer e respeitar a essência própria de cada ser, e a ordem que dela procede”, assim a justiça do ser pessoa está em estabelecer as delimitações da autonomia do sujeito e quando a ela renuncia “fica imediatamente exposta ao perigo e ela própria perigosa: poder sem ordem” (GUARDINI, 1963, p. 158).

Como ressaltamos anteriormente, também o amor é normativo para a pessoa, uma vez que saio de mim e reconheço no outro a sua importância me liberto de mim, isso é, me transformo em um ser para o outro. Quando me fecho a esta realidade amorosa, de entrega e consideração do outro como um ser pessoal, tudo em volta de mim é secundário, eu sou a realidade última da existência eu me basto. Guardini entende que amar consiste em:

[...] apreender o valor original presente num existente que nos é alheio – e, sobretudo em existentes pessoais; é ser sensível ao bem fundado deste valor; sentir a importância de uma sua subsistência e desenvolvimento; experimentar uma preocupação pela sua realização igual à que pela nossa experimentamos. Quem ama desemboca constantemente no reino da liberdade (GUARDINI, 1963, p. 159).

2. A RELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA PESSOA

2.1 O “EU” E O “TU”

Toda essa realidade que foi descrita como a forma própria da pessoa, a partir principalmente da questão do amor é que se estabelece

o sair de si para o encontro do outro. Ao sair de mim eu reconheço minha individualidade de modo ainda mais manifesto, uma vez que “Eu” sou algo diferente daquele que me relaciono: o “Tu”.

Para então compreendermos melhor essa relação, é preciso entender que Guardini vê manifesto nessa saída de si um encontro, a configuração maior dessa relação reside em reconhecer o outro como uma pessoa, dotada de todas as qualidades inerentes à esta. Sendo assim “a relação ‘sujeito-objeto’ deve ser substituída pela relação ‘Eu-Tu’” (QUINTÁS, 2009, p. 227), o que caracteriza inclusive a relação do “nós”. Não quer dizer com isso que a pessoa engendraria outra, pois, como vimos, ela é orientada por si.

Assim se torna nossa pesquisa uma busca pelo entendimento sobre o que o “tu” adquire na minha relação. E o “eu” existe somente se vinculado a um “tu”?

A cada encontro entre o “eu” e o “tu” é estabelecida uma relação. Nós somos seres relacionais e dentro dessa perspectiva de seres relacionais possuímos uma dimensão dialogal. Isso quer dizer que podemos nos comunicar. Nós manifestamos o nosso ser ao outro. O meu semelhante me faz perceber o “nós” como uma realidade necessária. É por isso que a partir do “verdadeiro encontro, temos a sensação de haver chegado a uma meta e experimentamos um sentimento de plenitude e, conseqüentemente, de felicidade” (QUINTÁS, 2009, p. 227)⁵.

O outro é tomado como um referencial vivo e de pessoalidade, por isso não é tomado como um mero objeto que devo usufruir – de modo semelhante ao tratamento dos objetos –, mas por ser único e vivente em si, com características próprias de um “eu”, é que devo estabelecer com ele uma relação interpessoal.

O outro só se torna um “tu” para mim no momento em que cessa a simples relação sujeito-objeto. O primeiro

⁵ Não quer dizer, contudo, que o outro é quem me traz a felicidade, mas por conta dele, vejo manifesto a minha pessoa e consigo, através das normas que constituem a pessoa, me realizar em minha totalidade.

movimento que conduz ao "tu" consiste em "afastar as mãos", gesto que cria o espaço livre no qual se poderá manifestar o caráter de "fim em si" específico da pessoa (GUARDINI, 1963, p. 170).

Esse caráter de fim em si que adquire a pessoa não é um simples mover-se ao outro. Nesse sentido, o que podemos nos referir ao encontro é o fato de este estar inserido dentro de um movimento que abre lugar ao outro através do recuo de si. A saída de mim possibilita o espaço para o outro.

Não é, entretanto, um movimento uno, isso é, que se dá apenas de um lado. Mas exige que o outro também estabeleça um movimento de recuo para receber-me, deste modo o "eu" se torna um "tu" para o outro. "A relação conserva, contudo, um caráter inacabado. Enquanto o mesmo movimento não ocorre em sentido inverso, e pelo qual, portanto, o outro consente em que eu seja o 'tu' dele. [...] e que se trate de mim tal como realmente sou, e não como o outro quereria que eu fosse" (GUARDINI, 1963, p. 171).

Confirma-nos Quintás ao pensar essa relação como uma forma de aperfeiçoar a relação, tornando esta uma *presença*, que segundo ele é a forma perfeita de união, nos diz o autor: "Todo encontro autêntico implica uma relação de presença, e esta não se alcança nem com a mera imediatez nem com a mera distância, senão com a integração de ambos" (2009, p. 229).

2.2 EU-TU E A LINGUAGEM

Como sabemos a pessoa tem uma capacidade relacional com o outro, mas o modo como esta ocorre é específica do próprio ser humano. Porém, além do mero conteúdo material, o homem precisa de novas formas de se unir, pois ele não somente sente as paixões que o afetam, mas é um ser que se apaixona.

Ao ser fruto de um chamado pessoal, isso é, a atitude indicada de uma individualidade espiritual em si, que recebe um caráter próprio da relação com o outro, vemos de modo mais direto a maneira como cada um pode

encontrar relações pessoais. A linguagem proporciona o meio adequado para a manifestação da própria particularidade.

O homem se encontra essencialmente em diálogo. A sua vida espiritual por natureza, é feita para ser comunicada a outros. [...] é algo que respeita à própria natureza da existência espiritual; o fato de a vida espiritual se realizar essencialmente na linguagem (GUARDINI, 1963, p. 174).

Por ter esse caráter aberto de relação, a pessoa possui a capacidade de sair de si, de conhecer os aspectos próprios de outras pessoas, isso que constitui a característica propriamente espiritual de toda a pessoa. “Como o espírito tem poder *criador* de relações de encontro, e nestas consegue superar as divisões entre o interior e o exterior, o dentro e o fora, quando uma pessoa vai para outra não sai de si; entra em seu verdadeiro ser, alcança sua plena identidade” (QUINTÁS, 2009, p. 231).

A linguagem, contudo, não é uma coisa fechada em si, como se fosse algo sem expressão, muito pelo contrário, ela pretende se estender. Através da linguagem, que são formas que estão além do indivíduo, é que nasce e se constrói o interior da pessoa. A realidade de significação, tentando caracterizar, através da palavra, uma vivência concreta e real, toda a tentativa de linguagem é sempre uma expressão dessa, não criadora do mundo, mas expressão do que esta apresenta tornando possível a investigação objetiva do mundo. “A linguagem é um campo não apenas de múltiplos significados, mas de sentido, de afetos, anseios e intuições. Nascemos embalados pela linguagem. A tudo isso, nos referimos ao dizer que somos seres ‘falantes’, os únicos em todo o imenso e admirável universo” (QUINTÁS, 2009, p. 232).

Agora fica mais evidente de que modo a linguagem complementa o existir, ela estabelece uma relação com o mundo e torna possível o

conhecimento de mim, como expressão real dessa linguagem. Por isso adquire um caráter tão particular na obra de Guardini, através dela manifesto o meu “eu”.

A linguagem não constitui apenas um meio de comunicação de conceitos: é na expressão de falar que se realizam a vida e o trabalho espirituais. O pensamento, por exemplo, não é um ato pré-verbal do espírito que, seguidamente apenas e mercê de uma intenção ou de uma decisão particulares, se traduza em palavras; desde o primeiro instante ele assume a forma de um falar interior. A linguagem [...] [é] o espaço de sentido, em que vive cada homem. É um sistema de formas intencionais determinado por leis supra-individuais, no seio das quais nasce e é modelado o indivíduo. É um todo independente do indivíduo, e que este, conforme os seus poderes, utiliza para formar algo de novo [...]. No sentido próprio da palavra, não se pode falar consigo próprio, e apenas com a outra pessoa. [...] conduz inevitavelmente os homens para a relação “eu-tu”. A linguagem forma nesta medida a pré-condição do encontro pessoal, nela ocorrendo como que uma sua antecipação objetiva (GUARDINI, 1963, p. 174).

Agora podemos perceber de modo mais direto como a partir da relação entre o “eu” e o “tu” é que a pessoa ganha significação. A pessoa não existe, como vimos, por conta do outro, mas começa a ganhar sentido na medida em que se relaciona de modo dialogal com o outro.

3. MUNDO: CENTRO DE VIVÊNCIA DA PESSOA E OS PÓLOS QUE CONSTITUEM

3.1 MUNDO, REALIDADE CRIADA:

Para Romano Guardini o mundo deve ser antes entendido como expressão da totalidade das coisas que existem, incluindo até mesmo a expressão última transcendental, que foi extirpada de toda a nossa cultura

na modernidade, segundo pensa nosso autor. As qualidades da natureza, do sujeito e da cultura⁶, dissolveram toda a transcendência e criaram uma autonomia que não requer nem mesmo fundamentação e não tolera que lhes sobreponha nenhuma realidade acima delas.

Porém a realidade do mundo é criada, isso é, não depende de nós. A autonomia que é concedida a qualquer outra perspectiva é ilusão. O mundo aparece não mais como uma expressão divina-transcendental, agora se limita esta a expressar a finitude. "O finito como tal impõe-se à consciência, e com ele toda a seriedade do criado. Por que esta seriedade pode obliterar-se por várias formas: é o que, por exemplo, acontece quando o fato da criação é esquecido e o mundo erigido em absoluto" (GUARDINI, 1963, p. 27).

Importa agora esclarecer o que significa o mundo criado. Este conceito opõe-se prontamente ao de natureza. O mundo não é algo que se desenvolve a partir de si mesmo, antes é necessário que exista uma realidade que lhe conceda a existência, e não só, que lhe sustente.

O mundo não é "natureza", mas criação; criação no puro sentido de uma realidade produzida por um ato livre. O mundo nada tem de "natural", de óbvio, garantindo-se a si mesmo, mas requer por princípio uma fundamentação; e é fundamentado por uma instância que o criou na sua essência e na sua realidade. [...] O ato pelo qual foi criado não tinha por seu turno necessariamente de ocorrer, mas ocorreu porque foi querido (GUARDINI, 1963, p. 31-32).

⁶ Estes conceitos são longamente discutidos no início do texto "Mundo e Pessoa", por não se tratar de uma contestação acerca destes elementos não demonstraremos os argumentos do autor, gostaríamos, contudo, de relatar brevemente o que cada uma destas significa; segundo Guardini a Natureza, pensada na modernidade, nada mais é do que a totalidade das coisas que se desenvolve de modo orgânico e independente, tudo aquilo que existe antes da intervenção humana é natural. O Sujeito é uma existência semelhante ao da natureza, ele se expressa como o homem que vive e age tendo a sua personalidade como fundamento último; o sujeito é a expressão lógica da personalidade, é impossível remontar para uma realidade anterior a ele, pois sempre que o tentar estará embebido da sua subjetividade, isso é, o homem é o último termo da realidade espiritual. E por fim a Cultura, que aparece como uma síntese das duas atividades anteriores, segundo Guardini a atitude que se prioriza é uma suposta criação do homem, que, a partir da natureza, aparece como sujeito livre e agente, este por sua vez procura diferenciar-se da existência para modelá-la segundo a sua vontade (p. 17 – 21ss.).

É possível observar por essa noção de Guardini, uma liberdade atuante. O mundo é fundado por um ato livre. Assim a totalidade do Ser está em última instância na realidade divina que é livre, nada lhe impõe a necessidade de criar o mundo, significa que este Ser primeiro criador é soberano.

Contudo é preciso entender que a realidade da criação não é fundada por uma necessidade, como se essa divindade estivesse obrigada a criar um mundo. Nesse caso, Deus seria apenas um construtor que está submetido de algum modo a uma necessidade, como por exemplo o amor, Deus necessariamente cria porque ama; mas na realidade ele não poderia ser soberano, livre. Deus é Senhor de si e do mundo, cabendo somente a ele expandir o seu Ser como criação, sendo assim quando cria é porque ama livremente, não podendo este ser coagido ou mesmo limitado.

O amor é o sentimento de um Deus livre, subtraído a todas as razões que emanam do mundo. Subtraído até àquela que o espírito pensante, como base de um esquema de perfeição de Deus, poderia deduzir de Deus concebido como ser absoluto. Criador, Deus, é "Senhor"; a sua regra não só se contrapõe à da realidade finita como à da sua própria realidade absoluta (GUARDINI, 1963, p. 33-34).

Quando se assume esse caráter criador, o ser humano se submete a uma nova forma de ser que está vinculada à submissão, o sujeito se reconhece orientado por uma realidade maior que ele. Sendo assim, ele não possui uma autonomia completa, sua existência se dá devido a um chamado. "O homem não possui o caráter do sujeito no sentido acima explicitado [o homem como última realidade espiritual], mas é somente ele próprio porque Deus o chamou e o continua a chamar. A existência como totalidade [...] provém da graça de Deus" (GUARDINI, 1963, p. 35).

Assim, quando cria, Deus concede um ser, reflexo longínquo do seu próprio ser, que é dito de maneira análoga, aos demais existentes. Cada

coisa deve ser apreendida com essa mesma realidade, subsistindo em si, conferindo ao que pensou uma existência e uma atividade livre.

3.2 DEUS E A PESSOA, UM EU 'MESMO'

Ao mesmo tempo em que nos vemos em uma realidade criada, em nós nos assola a possibilidade de vermo-nos diante de Deus. Saber que fomos por Ele criado nos coloca em uma situação nova, se aceitamos o ser concedido por Deus nos colocamos também diante do seu olhar constantemente.

Por ver essa realidade diante de si, um Deus que vigia – alguém diferente de si – causa-nos um espanto. A tendência de quem se sente observado é prontamente querer furtar-se daquele que o observa. Assim parece acontecer com o modo que Nietzsche procede em sua filosofia, “se Deus existe, como eu poderia suportar não ser um Deus?”, não posso suportar uma realidade de um outro que me domina, o ‘eu’ deve sair sempre vencedor desse combate. “‘Deus morreu’. Não diz [Nietzsche]: não há Deus, mas: ele morreu! E atrás desta, a frase mais profunda: ‘Matei-o. Fui vencedor do combate com o grande Outro’” (GUARDINI, 1963, p. 45).

A personalidade se angustia e reivindica uma autonomia, mister é que eu seja eu mesmo, nada há que possa pôr em xeque o meu possuir a mim mesmo. A grande saída de Guardini é compreender que Deus não é um outro, “não posso dizer que eu seja ele, o que constitui o objetivo último de toda a vontade de autonomia – mas do qual não posso dizer que se oponha a mim como um Outro, o que constitui em última análise a essência de toda a heteronomia” (GUARDINI, 1963, p. 47). O problema é que Deus é um Mesmo que o meu ser, Ele mesmo me sustenta no existir, nessa medida Ele quem assegura o não desfalecer do meu ser, impedindo que esta possa voltar-se para o não-ser.

A energia criadora do seu ato faz com que eu me torne eu próprio. Pelo próprio fato de Deus se voltar para mim me dirigir o apelo do seu amor todo poderoso,

torno-me eu e existo em mim próprio. A minha singularidade enraíza-se nele, não em mim. Quando Deus me olha, não é como quando um homem olha outro homem, isto é, quando um ser acabado olha outro ser acabado, mas é o olhar de Deus que me cria. [...] Quanto ao conceito de criação, que exprime a relação entre Deus e o homem, tem um duplo sentido: quer em primeiro lugar dizer que o homem está realmente colocado no seu próprio ser; e também que Deus é um outro situado no mesmo plano, mas que é a verdadeira fonte do seu ser, mais perto dele do que o próprio homem (GUARDINI, 1963, p. 48).

Neste sentido Deus torna-se para o homem não um outro, mas pelo fato mesmo de o criar o garante enquanto ser humano. Mediante tão somente o amor, Deus faz do homem uma pessoa, o convidando, não por decreto, mas por livre vontade a existir, não de qualquer modo, lhe confere um papel particular segundo um valor próprio.

3.3 A ALTURA INTERIOR QUE ENVOLVE A PESSOA

Antes de tudo é preciso compreender que os espaços existenciais em Guardini não estão dispostos em uma dualidade, para o nosso autor, o espírito está submetido sempre para o valor e tem nela a sua meta. Fica clara que a posição que ele está defendendo vai contra uma visão dualista do mundo, onde nos colocando em distinções como um alto (infinito; Pai-Céu) e um baixo (finito; Mãe-Terra)⁷, cada qual assumindo um valor no mundo.

Pensar o espaço existencial desse modo é reivindicar uma oposição, as direções fundamentais se estabelecendo como altura e a outra uma profundidade, acaba difundido uma ideia, dentro da pessoa, como um espaço onde reside o bem e outro o mal. Em Guardini a existência, pensada em sua realização plena, isso é, todas as direções que se apresenta ao homem,

⁷ Alto significando uma realidade espiritual e o baixo como realidade material, alguns autores veem como as forças constitutivas do mundo, assim estes valores seriam apresentados como contrários e, por sua vez, acabariam por criar essa polaridade no universo.

é o que desenvolve a sua personalidade. Sendo assim, quando criamos essa polaridade do mundo as direções fundamentais “deixariam de assegurar à pessoa sua livre expansão, para se tornarem termos de valor contrário, entre os quais mister seria escolher. A pessoa teria a cada instante de optar entre o alto julgado bom e o baixo considerado mau” (GUARDINI, 1963, p. 59).

Quando Guardini pensa no valor, ele coloca como a realidade latente de que o homem deve sempre se submeter ao bem, e isso mesmo é que identifica o valor como algo em si. Um erro para o nosso autor seria julgar que existe um polo contrário à bondade:

Na verdade, nos diz ele, o mal não se situa contrapolarmente (sic) ao bem – do mesmo modo como o “não” não é contrapolar do “sim” ou o nada do ser. O bem é, categoricamente, o que é válido e merece ser; o mal, o que não deve ser a qualquer título, o que por princípio é sem-sentido. [...] o bem não é um polo e não requer qualquer polo contrário. O bem é o que deve ser; o mal, o que não deve ser, e, num sentido metafísico, não tem qualquer razão de ser; é o supérfluo absoluto (GUARDINI, 1963, p. 59-60).

Para Guardini ao contrário de se pensar em uma realidade distinta podemos, dentro do mundo total, experimentar duas realidades que não se contrapõem, mas que se completam e determinam a integralidade do homem. “Os dois lugares são um só. O ‘dentro’ [interior] como o ‘alto’ são um e o mesmo lugar” (GUARDINI, 1963, p. 85). Precisemos agora o que está presente em cada uma dessas realidades.

A interioridade, expressão individual de cada pessoa, somente poderá se realizar em sua expressão máxima quando, mediante uma decisão livre, o sujeito assume pela fé na palavra de Cristo o fundamento e regra de vida. A fé me retira de mim e me obriga, em certa medida, a olhar o mundo com objetividade, isso é, sei quem sou e quem é Deus. Assim, “na medida em que um homem se torna crente, em que deixa a realidade do Deus vivo

prevalecer em si e se coloca sob a Sua vontade, liberta-se de si próprio” (GUARDINI, 1963, p. 71).

O que então é esse interior? É a vida própria do Cristo em mim. Na filosofia antiga – noção que foi principalmente desenvolvida em Aristóteles – está presente a tese de que a inteligência de algum modo participava da vida divina. Não quer dizer, contudo, que o homem se tornava Deus, mas participava de algum modo dessa inteligência, o esclarecendo em sua essência e somente mediante essa Inteligência suprema é que o homem conhecia a si, apesar de que ainda lhe aparecia de modo obscuro, necessitando de algo que esclarecesse. Após a vinda de Cristo a graça nos alcança a interioridade mesma do Cristo, assim nos tornamos participantes da natureza divina (Cf. II Ped. 1, 3).

Se, portanto, em Cristo, Deus vem ao crente, é também a interioridade de Deus que para ele vem – porque Deus é a sua própria interioridade. E se proporciona ao homem uma participação na sua natureza, também lhe proporciona participação na sua interioridade sagrada. Esta torna-se própria do crente. Na forma de graça, deve realizá-la em si. Eis o que é, finalmente na sua essência, a interioridade cristã (GUARDINI, 1963, p. 69).

Contraposta a ideia da interioridade está a elevação, que complementa a primeira. O problema se desenvolve aqui não somente em questão de uma autoafirmação individual. É relativo agora à qualidade, o valor assume um caráter determinante para o processo de determinação da elevação. O mundo, que aparece objetivamente reconhecido por mim mediante o Cristo em mim, assume agora uma característica de gradação. “A superioridade de um valor enquanto tal em relação a outro exprime-se somente pela qualificação ‘mais alto’ – do mesmo modo que o esforço para atingir valores mais perfeitos ou para melhor realizar o valor dado é experimentado como um esforço para subir” (GUARDINI, 1963, p. 75). Podemos aqui notar que a

partir dessa noção Deus, criador do mundo, aparece como sendo a suprema altura, logo em seguida as realidades espirituais por ele criadas seguindo-se da matéria.

A altura então é determinada, como na interioridade, por Deus, "a altura cristã é o lugar em que está Cristo 'acima' do crente: 'uma vez que ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas lá do alto, onde Cristo Se encontra, sentado à direita de Deus; interessai-vos pelas coisas do alto, não pelo que há na terra' (Col. 3, 1-2)" (GUARDINI, 1963, p. 77-78). As perspectivas interiores do mundo aqui aparecem sem importância, toda a verdadeira luz deve irradiar desse Deus oculto em si mesmo, que se revela através de Cristo.

A realização plena da pessoa se dá mediante a utilização integral das suas potências, "o movimento para o interior, depois de assumir um caráter religioso, converte-se num trânsito para a imanência; o movimento para o alto, num trânsito para a transcendência" (GUARDINI, 1963, p. 84). Estabelecesse assim que, por possuírem ser – as duas realidades analisadas –, são boas em si. Logo, nenhuma das duas realidades, que constituem o mundo do homem, podem ser negadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa a que se propôs Guardini nos demonstra que o ser humano deve ser entendido na sua essência como pessoa. Entender a sua totalidade, sua perspectiva própria e o mundo ao seu redor, é um passo primordial para o desenvolvimento sadio desta, pensar nas suas propriedades constitutivas e relacionais nos assegura a possibilidade de identificar esse ser como capaz da consciência de si, o dotando, deste modo, de singular liberdade que será plena a partir de uma vida dedica ao amor e a justiça, pois somente assim será possível uma abertura autêntica dessa propriedade pessoal que possui. Entendemos que todas essas implicações nos fazem perceber como se faz necessário o resgate do debate acerca da substancialidade pessoal, pois, segundo pensa Guardini, a pessoa não pode ser habitada por outro, e que, na

relação com ela própria se encontra só com ela; não pode ser representado por nenhuma outra, e deste modo se torna única e insubstituível. Por isso importa observar como cada etapa que está diante do ser humano, em seu processo formativo, é importante para a sua constituição final, que não será completa ainda nesta vida.

Romano Guardini com sua proposta nos conduz de modo claro sobre esta investigação de modo que nos sentimos coagidos a concordar com as etapas em sua sequência. A medida em que nosso autor descreve a sua visão é latente diante de nós cada realidade exposta, sempre à luz da tradição, vemos como Guardini consegue elencar conceitos já tratados e nos demonstra de modo novo, dando nova vida a cada uma das propriedades do ser-pessoa.

Quando trata do mundo, entendendo esta como totalidade das coisas que existem – e não somente uma perspectiva imanente ao modo dos modernos –, Guardini nos demonstra onde está inserida a pessoa e o modo como cada uma está apta a elevar-se acima deste. Não será equívoco dizer que a pessoa possui uma capacidade de transcendência devido à sua natureza criada, que em primeiro lugar quer dizer que o homem está realmente em seu lugar como lhe é devido; mas também indica que Deus é um outro situado no mesmo plano, uma vez que é seu princípio “existencial”, i.e., é a verdadeira fonte do seu ser, mais perto dele do que o próprio homem (Cf. GUARDINI, 1963, p. 48).

Desta realidade em que está inserida a pessoa é que se segue o seu caráter irredutível no que diz respeito às substâncias que estão presentes no mundo, assim deve ser assegurado a todas as pessoas o direito à dignidade ilimitada devendo ser estendida também para o dever para com todas as pessoas que constituem a sociedade. Tendo em mente essas relações podemos tirar consequências práticas para o convívio humano, bem como para a vida em sociedade, pois é justamente da consciência da dignidade e irredutibilidade de cada ser humano individual e insubstituível conseguimos figurar as conclusões para o modo de operar perante cada

pessoa; esta tese de Guardini consegue unir o ímpeto pós-moderno ao pensamento clássico-antigo e medieval.

Indubitavelmente, o grande mérito de Guardini foi colocar o pensamento cristão clássico da Antiguidade e da Idade Média em diálogo com o pensamento moderno e contemporâneo, com as novas correntes de pensamentos, com a literatura e as novas situações do mundo hodierno. Ele soube haurir do pensamento moderno e contemporâneo aquilo que possui de verdade e integrá-lo à tradição do pensamento cristão ocidental. Mais ainda, ele soube "atualizar" o pensamento clássico antigo-medieval sem deixá-lo perder a sua originalidade (COTRIM, 2011, p. 225)

Enfim, deste pequeno trabalho podemos compreender melhor a importância que há no conceito de pessoa, tanto para entender melhor o que somos e quais são as consequências diretas que é possível retirar destas conclusões. Saber o que o homem é nos ajuda a perceber aonde queremos chegar e quais os elementos necessários que devemos ter em mente quando formamos pessoas. Por isso, é preciso levar em consideração a altura-interior que a pessoa possui, somente deste modo é que o homem moderno conseguirá sair do caos em que se inseriu. Assim, desenvolver de modo sadio no processo formativo da pessoa é o que proporcionará a este o desenvolvimento em sua integralidade, revelando-se através da autêntica capacidade de justiça e amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, S. "A pessoa em Romano Guardini: um desafio à autonomia e desamparo do homem contemporâneo". *Memorandum*, 10, Belo Horizonte, MG; Ribeirão Preto, SP. abr. 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/brandao01.htm>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

COTRIM, P. "A Ética das Virtudes em Romano Guardini e Josef Pieper: Diversidade e Analogia (III)". *Sapientia Crucis: Revista Filosófica – Teológica*, Anápolis, GO. 2011. Disponível em: <<https://institutumsapientiae.files.wordpress.com/2013/02/sc-2009-04.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

GUARDINI, R. *O mundo e a pessoa*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.

_____. *La fe en nuestro tiempo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1965.

QUINTÁS, A. "La antropologia relacional-dialógica de Romano Guardini." *Veritas: revista de filosofia y teologia*, Madrid, ESP, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3074360>>. Acesso em: 5 mar. 2018.